

RAÚL MESQUITA

ESTORIL

1959



BIBLIOTECA DE **AUTORES**
PORTUGUESES

PARTE I

I

Esta minha história podia começar assim: «Foi num quentíssimo mês de Agosto de 1959...», mas não começa assim porque esta história é a da minha memória e de mim, do eu que fui e que sou. A memória traz-me estes episódios tão vívidos que acho uma pena não os relatar. Portanto, começa deste modo:

A minha memória dita-me que foi num quentíssimo mês de Agosto de 1959 que fomos passar uma tarde naquela casa do Monte Estoril, que nunca mais esquecerei ou que, pelo menos, gostava de não esquecer. O Rui disse que ia ser muito divertido, que havia raparigas muito bonitas e que os lanches eram óptimos. Chegámos por volta das quatro horas, dois jovens adolescentes praticamente imberbes, embora eu já fizesse a pouca barba que tinha e o Rui fumasse. Depois de tocar à campainha, passámos o portão, subimos uns degraus e um criado estava à nossa espera à porta da casa. Eu disse ao Rui para passar primeiro, já que era ele quem conhecia as pessoas da casa. Ouvimos o obrigatório «Boa tarde, Meninos» e atravessámos o *hall* em direcção às salas onde fomos imediatamente à procura da dona da casa.

— É muito simpática, vais ver.

O Rui deve ter reparado que eu estava um bocado nervoso. Foi preciso amadurecer bastante para conseguir controlar a minha timidez.

Ela viu-nos e veio ter connosco. Estendeu a mão ao Rui, para ser beijada.

— Olá, Rui!

— Como está, Senhora Condessa? Este é o meu amigo de que lhe falei, o Mané Barros d'Uril.

— Cordovil? Tive umas amigas Cordovil.

— Não, Senhora Condessa, d'Uril — respondi, um bocadinho zangado com o Rui, que tinha criado aquela confusão de nomes, ainda por cima quando eu era conhecido em toda a parte só por Mané Barros.

— Ah! — disse num tom vago. — Entrem, estamos lá fora.

Seguimos a dona da casa através de duas salas muito grandes, onde, para além de vários criados e criadas a passar, só vimos uma senhora já muito velha, que parecia uma personagem dos filmes americanos passados em Capri, toda de preto, com uma touca de renda e uma bengala encrostada de prata, bem firme na mão, sentada num sofá, e que parecia dar ordens, com um tom muito autoritário, a duas outras senhoras, mais novas, e a duas raparigas da nossa idade, que estavam de pé à volta dela. De certeza filhas e netas, pensei. Embora passássemos a uma certa distância, baixei um pouco a cabeça e esbocei um sorriso discreto, sinais que, embora notados pela senhora que estava sentada, não foram, é claro, reconhecidos. Continuou a dar ordens como se nós não existíssemos.

Saímos de casa para entrar num enorme terraço, que tinha uma vista muito bonita sobre o mar, e aí encontrámo-nos rodeados de uma pequena multidão, pelo menos é essa a memória que guardo dessa primeira impressão.

— O João está ali — disse a dona da casa ao Rui.

O João era o segundo filho dos donos da casa; um de entre nove, três rapazes e seis raparigas. O mais velho era *naturalmente* um rapaz e, se não me engano, o outro do sexo masculino era o mais novo. No meio estavam as manas. Quase todas bonitas, excepto uma, que tinha a cara coberta de acne e que era gorda. Um dos objectivos da nossa presença naquela reunião era, como disse o Rui, ver se conseguíamos arranjar namoro com alguma rapariga que estivesse na festa. — São todas muito giras — já me tinha dito antes de chegarmos.

O João viu-nos e dirigiu-se-nos.

— Olá, Rui! Este é o teu amigo Topé?

— Mané — corrigiu o Rui.

— Desculpe lá, ó Mané. Venham, vou apresentar-vos às outras pessoas. "Tão ali duas brasas que não têm namoro e que, com certeza, vão gostar de vocês.

— Não são as Sá? — perguntou o Rui.

— São, pá, não sabia que as conhecias.

— Têm o toldo em frente ao nosso.

— Ah, pois, vocês vão prò Estoril, não é? Nós estamos habituados a ir para aqui, prò Monte. É mais perto. Os pais querem que vamos para esta praia, mas às vezes vou à do Palm Beach ao toldo do Zé Andrade, ele conhece umas miúdas muito giras.

Uma rapariga muito alta para a norma portuguesa e muito magra, com algumas sardas e cabelo ruivo muito liso, vestida de calças e blusa, indumentária estranha numa reunião daquele género, veio ter connosco e interrompeu, com um ar decidido, a nossa conversa:

— Ó João, não me apresentas os teus amigos?

— Olha, é o Rui Léaud e o Mané... Barros... A Suzie Prats-Lynn.

Fiquei a saber a razão daquela estatura.

— Não costumam ir à Parrada? É muito divertido — depois, virando-se para mim, disse: — Mané, julguei que você era o amigo misterioso do João, o Alain, de quem ele fala tanto e que ninguém conhece. De verdade, como você é tão loirro!

Na altura achei estranho que uma inglesa falasse em *rr*, mas pensei que se calhar já tinha nascido cá. Para além disso, a maneira de falar da Parada sobrepõe-se à pronúncia natural, seja ela de que região for. A Suzie era, como dizem os nossos pais, uma rapariga interessante, não aquilo a que se chama beleza clássica, mas, enfim..., não se pode ter tudo, ser-se alta, magra, moderna e estrangeira... Mais tarde, vim a saber que era filha de um Sir George e de Lady Prats-Lynn, respeitáveis comerciantes escoceses, há muito estabelecidos em Merchant City, em Glasgow, e residentes em Portugal há seis anos. Por causa do clima, ao que parece.

De repente, começou a notar-se uma certa excitação entre os convidados.

— Vão servir os sorvetes, vão servir os sorvetes!